

A INSERÇÃO DA ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES NA ESCOLA¹

Andressa da Silveira²
Eliane Tatsch Neves³
Adriana DallÁsta Pereira⁴

INTRODUÇÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação, a saúde deve ser abordada no ensino fundamental como um tema transversal, desenvolvendo nos educandos o senso de responsabilidade por sua própria saúde.

Deste modo, as novas diretrizes de educação enfatizam a responsabilidade de desenvolver a temática sexualidade pela Escola. Com isso, os professores têm se deparado com diversos questionamentos, entre eles a sexualidade.

Sabe-se que a sexualidade e o sexo, são focos de interesse presentes na história da humanidade, a fim de compreender a gênese visto que pelo sexo se dá a criação dos seres (MENEZES, 2009).

Nos dias atuais as crianças e adolescentes tem passado a maior parte do seu tempo na escola. Dessa forma, tem sido bastante comum professores exercerem o papel de educadores mesmo fora do ambiente escolar.

A sexualidade passou a ser uma temática que envolve professores e alunos, extrapolando os muros da escola, deixando de ser um tema restrito. Houve, então, uma busca por estratégias que deem conta da tarefa de proporcionar a educação sexual com essa clientela, deixando de ser uma temática específica das aulas de biologia para fazer parte das conversas dos alunos.

Abordar a questão da sexualidade com crianças e adolescentes passa a ser uma necessidade, já que os mesmos buscam informações de diversas formas, e muitas vezes recorrem aos meios de comunicação de massa por não obterem as informações em casa ou na escola. Nesta corrente de informações é bastante comum os adolescentes terem acesso a imagens que estimulam a erotização precoce, levando a prática sexual cada vez mais cedo.

Para Gauderer (1996) falar sobre sexo nem sempre é uma tarefa fácil tanto para os pais, quanto para os professores, pois muitos deles creem em mitos e tabus a respeito da sexualidade. Nos dias atuais o sexo ainda é visto como pecaminoso, no entanto, deveria ser visto como algo normal, lúdico, saudável e prazeroso. Considerando que a educação e a saúde são espaços de produção e aplicação de conhecimento destinados ao desenvolvimento humano, entende-se que há um elo entre os dois campos. Portanto, faz-se necessário que os profissionais de saúde trabalhem juntamente com os profissionais de educação no que se refere à educação sexual, desmistificando essa temática, visando o vínculo entre pais, filhos e a escola.

Acredita-se que por meio do diálogo e da reflexão crítica trabalhados por Freire (2005) que a discussão grupal seja uma estratégia de abordagem dessa temática com os adolescentes. Contribuindo com a interdisciplinaridade dentro da escola, construindo saberes, desmistificando informações, caracterizando a percepção dos adolescentes sobre sexualidade na escola.

² Enfermeira; Mestranda em Enfermagem na UFSM. Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado as Pessoas, Famílias e Sociedade (PEFAS) da UFSM. andressadasilveira@gmail.com

³ Doutora em Enfermagem; Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem/CCS/UFSM. Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado as Pessoas, Famílias e Sociedade (PEFAS) da UFSM.

⁴ Mestre em Enfermagem; Professora de Enfermagem da UNIFRA.

METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de uma pesquisa qualitativa com uma abordagem participativa. Sabe-se que a abordagem participativa parte da concepção de que a pesquisa é um processo implicado na criação de condições para que os sujeitos tenham suas vozes reconhecidas de modo participativo e democrático (FREIRE, 1980; CABRAL 1998). Um dos pressupostos da pesquisa participativa é a prática problematizadora. Essa prática visa propor ao homem sua situação vivencial como problema, para que ele possa refletir sobre essa situação e ser levado à tomada de consciência (FREIRE, 1980).

O cenário de realização da pesquisa foi uma escola da rede municipal do interior do Rio Grande do Sul, com 48 adolescentes entre 12 a 19 anos de idade, compreendendo o período de dezembro de 2007 a maio de 2008.

Para a realização da pesquisa optamos pela formação de grupos, inspirados nos Círculos de Cultura de Paulo Freire (1980), respeitando o conhecimento prévio dos adolescentes, promovendo a integração os mesmos. Os recursos utilizados foram jogos, vídeos, trabalhos manuais e dinâmicas, estimulando a expressão das ideias, medos, dúvidas e o compartilhar de vivências.

Para a realização desta pesquisa utilizamos o termo de consentimento, onde conforme autorização prévia pelos pais, foi assinada pela direção da escola participante. Para a realização desta pesquisa seguiu-se a Regulamentação do Conselho Nacional de Saúde – CSN/Resolução 196/96, que normatiza e autoriza a pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados apontaram que 42% dos adolescentes têm interesse em discutir sobre gravidez na adolescência, 38 % gostariam de discutir o sexo na adolescência, 16 % acha necessário discutir o relacionamento entre pais e filhos, 4% acha relevante discutir a respeito das DST's. Percebe-se a preocupação do adolescente em relação à gravidez, proveniente do uso errôneo, ou do não uso dos métodos contraceptivos, assim também como a necessidade de se falar em sexo na adolescência e sobre relacionamento com os pais, fortalecendo a necessidade de amor que o jovem tem.

Quando questionados a respeito de quais doenças podem ser adquiridas pelo contato sexual, percebemos o desconhecimento, pois entre as patologias apresentadas no questionário selecionaram Malária, Otite, e Leptospirose.

Em relação a primeira relação sexual, 34% dos adolescentes acreditam que o fator necessário para a primeira relação sexual é “gostar da pessoa”. Já 30% dos adolescentes acreditam que “conversar com alguém mais experiente no assunto” é relevante para a primeira relação sexual. E apenas 20% das respostas atribuíram para a primeira relação sexual “uso do método contraceptivo”, o que justifica o aumento dos casos de gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes.

Salientamos que 9% dos jovens acham necessário “ser virgem” para a primeira relação sexual. O tabu da virgindade é maior do que o “medo” dos adolescentes em relação à descoberta dos pais que seus filhos não são virgens. E, apenas 7% dos jovens acreditam que “os pais não saberem” é imprescindível para a primeira relação sexual o que nos faz pensar que o “conversar com alguém mais experiente”, possivelmente, seria um colega de aula ou amigo.

Para Becker (2003) a evolução do jovem no estabelecimento de sua sexualidade madura e completa é um processo complexo e difícil, cheio de conflitos e crises, e às vezes repleto de amor e paixão.

De acordo com Oliveira et al. (2009) o processo de educação é constante, evolutivo, requer paciência, reconhecer a importância da família na vida do adolescente é uma forma de entender seus receios, seus tabus, desinformação, ou o excesso de informação. A ação educativa, nesta perspectiva, contribui para a formação de sujeitos éticos e cidadãos e para a transformação da sociedade.

A relação do adolescente com a família, obteve os seguintes achados: 42% dos adolescentes responderam que “conversam sobre sexo, drogas, e namoro” com seus pais. A percentagem é realmente animadora, sendo que na era da globalização as pessoas tem pouco tempo para conversar. Para 27% dos adolescentes seus pais “estão sempre ocupados e quase não conversam sobre sexualidade”. Os jovens também evidenciam a vergonha e os tabus de seus pais, 23% dos adolescentes questionados responderam que seus pais “têm vergonha de falar sobre sexualidade comigo”.

Nas respostas encontradas 4% dos adolescentes que responderam “não moro com meus pais, mas meu (s) responsável conversa sobre sexualidade comigo” o que é realmente positivo, pois demonstra um processo de conscientização da sociedade. Faz-se necessário salientar que discutir sexualidade, sexo, é adquirir e dividir conhecimento. A cumplicidade familiar, a educação, também está presente mesmo que de forma subjetiva. E outros 4% que não responderam à questão. Assim, é essencial capacitar as pessoas para aprender durante toda a vida, preparando-as para as diversas fases da existência, o que inclui o enfrentamento da ansiedade e dos conflitos internos que os adolescentes possuem frente ao tema sexualidade.

Em se tratando de educação em saúde, o Ministério da Saúde salienta que a mesma é uma prática social, é um processo que contribui para a formação e desenvolvimento da consciência crítica das pessoas, estimula a busca de soluções e a organização para a ação coletiva.

A prática de saúde como prática educativa deixa de ser um processo de persuasão da informação e passa a ser um processo de capacitação de indivíduos para a transformação da realidade (BRASIL, 2006). Carvalho, Clementino e Pinho (2008) falam que a educação em saúde é essencial na evolução da humanidade, e que, portanto, faz-se necessário o incentivo das práticas educativas, através de um trabalho multidisciplinar. Assim, a escola é um pilar na integração entre saúde e educação, uma vez que a interdisciplinaridade de ações permite que seja estabelecida uma intervenção efetiva e um crescimento mútuo das partes (BESERRA, PINHEIRO E BARROSO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou a desinformação dos adolescentes em relação a prevenção de DST'S e a gravidez precoce. Que eles não conversam com os pais sobre sexualidade. Eles valorizam os sentimentos quando se trata da primeira relação sexual, ao mesmo tempo denotaram tabus em relação à virgindade. Identificou-se a escola como um cenário em que os jovens vivenciam suas primeiras experiências, como as carícias, o primeiro beijo, e até mesmo o primeiro estímulo sexual. Recomenda-se o desenvolvimento de ações educativas com adolescentes nas escolas, incluindo o profissional de saúde, professores e família, para que haja um compartilhar de ideias e de modos de ensinar e aprender sobre sexo e sexualidade.

Palavras-Chave: Adolescentes, Educação sexual, Escola.

REFERÊNCIAS

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 13 edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 2003.

BESERRA, Eveline Pinheiro; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Rev Anna Nery** 2008 12(3): 522-28.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**. Disponível em: <www.conselho.saude.gov.br>. Acesso em: 10 out 2007, 14:40h.

BRASIL. Ministério da Saúde. **História do SUS**. Disponível em: <<http://www.sespa.pa.gov.br/SUS/sus/sus.historia.htm>>. Acesso em 28 fev. 2006.

CABRAL, I.E. **O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa na enfermagem**. IN: GAUTHIER, J.H.M. et al. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. p. 177-203.

CARVALHO, V.L.S; CLEMENTINO, V.Q.; PINHO, L.M.O. **Educação em saúde nas páginas da REBEn no período de 1995 a 2005**. Rev. Bras. Enferm., Brasília 2008 mar-abr; 61(2):243-8.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª edição. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 116p.

GAUDERER, E.C. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos: 1996.

MENEZES, Leandro Alves de. **Orientações Mitológico-Culturais e Representacionais da Sexualidade na Grécia Clássica**. Disponível em: <<http://www.templodoconhecimento.com>> acesso em: 17 ago 2009, 15:00h.

OLIVEIRA, C.B. et al. As ações de educação em saúde para crianças e adolescentes nas unidadesbásicas da região de Maruípe no município de Vitória. **Rev. Ciência Saúde Coletiva** 2009 14(2):635-644.